



MARAISA DOS SANTOS

**A POÉTICA DA LINGUAGEM COMO ESTRATÉGIA DE
ENSINO E APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA: DA
EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**LAVRAS - MG
2019**

MARAISA DOS SANTOS

**A POÉTICA DA LINGUAGEM COMO ESTRATÉGIA DE
ENSINO E APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA: DA
EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte
das exigências do curso de Pedagogia, para a
obtenção do título de Licenciada.

Prof.^a Dr.^a Dalva de Souza Lobo
Orientadora

**LAVRAS - MG
2019**

MARAISA DOS SANTOS

**A POÉTICA DA LINGUAGEM COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA: DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**THE POETICS OF LANGUAGE AS A TEACHING AND LEARNING STRATEGY
FOR READING AND WRITING: FROM CHILDREN EDUCATION TO THE INITIAL
YEARS OF FUNDAMENTAL EDUCATION**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte
das exigências do curso de Pedagogia, para a
obtenção do título de Licenciada.

APROVADA EM 12 de setembro de 2019
Prof.^a M.a. Ellen Maira Alcântara Laudares
Prof.^a M.a. Elisângela Brum Cardoso Xavier

Prof.^a Dr.^a Dalva de Souza Lobo
Orientadora

**LAVRAS - MG
2019**

À toda minha família que esteve comigo durante essa trajetória, em especial à minha mãe que fez de tudo para que eu conseguisse chegar até aqui. Às minhas irmãs e a meu pai, que sempre me apoiaram com ajuda e carinho. À minha avó e tias pelo apoio e alegria em cada conquista alcançada durante a graduação. Aos meus amigos, que marcaram a minha trajetória como graduanda e ainda marcam a minha vida.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus que iluminou meu caminho durante essa trajetória.

À minha família, especialmente à minha Mãe que deixou de viver sua vida para viver a minha. Ao meu Pai e minhas irmãs que estiveram sempre do meu lado, me apoiando e incentivando a cada passo dado.

Aos velhos amigos de Bom Sucesso e aos novos amigos que conquistei em Lavras, que estiveram presentes em toda essa caminhada, fazendo com que os dias fossem mais fáceis e divertidos.

À professora Dalva de Souza Lobo, por tudo, desde o início da graduação. Além de orientadora você se tornou uma amiga, te agradeço imensamente pela paciência e ensinamentos que foram de grande importância para a realização deste trabalho e crescimento profissional.

Aos professores do Departamento de Educação pelos conhecimentos compartilhados.

Ao Programa de Bolsa Institucional de Pesquisa – PIBIC/UFLA por ter contribuído para o meu desenvolvimento enquanto estudante de graduação em Pedagogia e pesquisadora.

Às moradoras da República Quitandinha e República MinaMora, que se tornaram minha segunda família, sou grata por toda a boa convivência, pelos dias alegres, de troca de experiências e ensinamentos.

MUITO OBRIGADA!

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.”
(Nelson Mandela)

RESUMO

O presente trabalho busca compreender como a linguagem poética contribui para a aquisição e consolidação. Nesse sentido, tem como objetivo principal desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem a partir da articulação intersemiótica e do elemento lúdico presente em tal linguagem. A metodologia de abordagem qualitativa ancorou-se, sobretudo, na noção da leitura e da futura escrita na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental em conceitos de dialogismo, leitura e letramento, voz e lúdico a partir de Mikhail Bakhtin (1988), Paulo Freire (2006), Magda Soares (2004), Johan Huizinga (2000) e Paul Zumthor (2007), respectivamente. Adotou-se como procedimento metodológico a criação de um poema e de um videopoema, visando a efetivação da leitura e da futura escrita por parte das crianças que migram da Educação Infantil e do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Espera-se, desse modo, contribuir para o desenvolvimento de estratégias didáticas para o ensino e aprendizagem de leitura e escrita na dimensão do prazer, elemento fundamental na construção de conhecimento.

Palavras-Chave: Leitura e Letramento. Ensino e Aprendizagem. Lúdico. Linguagem poética.

ABSTRACT

The goal of this paper is to investigate how poetic language works in the acquisition and consolidation of reading and future writing in Early Childhood Education and first years of Elementary School. For this reason, it requires to develop teaching and learning strategies based on the intersemiotic articulation and the ludic element in poetic language. The qualitative approach methodology is mostly based on the concepts of dialogism, reading and literacy, voice and ludic from Mikhail Bakhtin (1988), Paulo Freire (2006), Magda Soares (2004), Johan Huizinga (2000) and Paul Zumthor (2007). Therefore, it can be seen that the methodological procedure resulted in the creation of a poem and a video-poem aiming the development of reading and writing of children who migrate from Early Childhood Education to Elementary School. As a result, it is expected to contribute to the improvement of didactic strategies in teaching and learning of reading and writing from the perspective of pleasure, a fundamental approach in the construction of knowledge.

Keywords: Reading and Writing. Teaching and learning. Ludic. Poetic language.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O QUE LEMOS, O QUE NOS TOCA	13
3 LINGUAGEM POÉTICA E VOZ: PERCEPÇÃO E LEITURA DE MUNDO	18
4 DO POEMA AO VIDEOPOEMA: LEITURAS POSSÍVEIS, ESCRITAS FUTURAS	24
4.1 Sobre o poema	25
4.2 Sobre o videopoema	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

A aquisição da leitura e da escrita implica em diferentes contextos, dentre os quais se destacam as formas de expressão da linguagem, sejam elas verbais ou não verbais. Tal expressão se reflete em dois aspectos no processo de interlocução: o outro, com o qual se relaciona, e os sentidos produzidos pela palavra em diferentes contextos. É a partir desta relação que a escrita e a leitura se configuram. Considerando que o ato de aprender a ler e escrever se concretiza mediante as linguagens verbal (oralidade e escrita) e não verbal (sons, imagens, gestos, etc.), é preciso levar em conta as referências trazidas pela criança para a sala de aula, de modo que sua leitura de mundo dialogue com outras leituras.

Nessa perspectiva, busca-se compreender como se configura o processo de aquisição e consolidação de leitura e, futuramente, também da escrita, considerando a transição da Educação Infantil para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Sobre a escrita, é importante ressaltar que não se discorrerá profundamente nesse trabalho – tendo em vista que se dá na leitura o ponto central da presente reflexão. Todavia, não seria possível compreender um processo de maneira completamente desconexa do outro, na medida em que o leitor também é coautor de textos – ainda que estes não pertençam, em um primeiro momento, ao âmbito formal da alfabetização, o que ocorre posteriormente.

Diante disso, considera-se que a linguagem poética seja uma importante estratégia de ensino e aprendizagem de leitura e também da escrita, sucessivamente, por parte das crianças que passam da Educação Infantil (EI)¹ para os anos iniciais do Ensino Fundamental (F)². Assim, considerando que a atividade leitora é da ordem do campo social, e tem-se no leitor um sujeito ativo, pode-se dizer que um poema e um videopoema tornam-se relevantes para a aquisição e consolidação da leitura letrada, visto que seus elementos integram o verbal e o não verbal de forma dinâmica, despertando a criatividade e a interação com as palavras escritas e ouvidas, além de formas, cores e sons, entre outros elementos com os quais tais linguagens podem dialogar. Isto se dá uma vez que, anteriormente à decodificação linguística, a compreensão do mundo se faz pelo conhecimento prévio somado à dimensão social, cultural e histórica. Ainda, é importante dizer que o conhecimento prévio não se aparta do conhecimento linguístico, ou que um seja mais importante que o outro – mas, de outra forma, a leitura não está condicionada somente ao sistema de signos linguísticos, daí o letramento

¹ Ao longo do trabalho, utilizaremos a sigla EI para Educação Infantil.

² Seguindo a mesma linha, ao longo do trabalho, utilizaremos a sigla F para Fundamental.

promovido pelas duas formas de registro – poema e videopoema, em diálogo com outros saberes de forma criativa e dinâmica.

Ao longo do processo de ensino e aprendizagem da leitura é possível que haja certo desconforto por parte da criança, a qual se encontra diante dos novos desafios propostos pelos anos iniciais do Ensino Fundamental. Mediante a isso, é importante criar estratégias de aprendizado para que a transição da Educação Infantil para os anos iniciais do Ensino Fundamental seja um período de prazer pela descoberta dos novos signos com os quais ela, a criança, se constituirá como sujeito de ação e de interação social; e é nesse contexto que se insere a linguagem poética, em função da dimensão lúdica e prazerosa.

Dentre os vários espaços de letramento, a escola é um dos mais privilegiados, pois estimula o aluno a novas experiências com o outro e com os diferentes objetos com os quais pode se relacionar de forma lúdica – haja vista as leituras, as músicas e outras atividades que o levam a se expressar, tal qual ocorre quando há o contato com a poesia. Nesse contexto, é relevante investigar como a linguagem poética pode contribuir para o processo de aquisição e consolidação da leitura, e futuramente da escrita, na transição da EI para o F. Despertar o prazer do aprendizado diante das diferentes formas de leitura (e escrita) enseja a criação de estratégias que atuem como facilitadoras nesse processo. Consequentemente, o lúdico, elemento recorrente na criação poética, torna mais significativo e atrativo a aquisição do saber, pois leva a criança a identificar-se com o que lê e com o que escreve.

A partir dessas considerações, destaca-se como objetivo central a ação de desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem de leitura e também de escrita – embora o enfoque da presente pesquisa se dê na leitura – utilizando a linguagem poética, tendo em vista as possibilidades de articulação entre o verbal e o não verbal. No âmbito dos objetivos específicos, tencionou-se identificar as características da linguagem poética, no contexto da EI e dos iniciais do F, além de contribuir com o desenvolvimento literário, propondo estratégias para ensino de leitura (e futura escrita). O caminho metodológico, de abordagem qualitativa, adotou literaturas que discutem a temática apresentada e a criação de um poema e de um videopoema autorais, os quais serão analisados à luz dos conceitos elencados.

Tendo em vista a investigação acerca da linguagem poética como estratégia de ensino e aprendizagem, a reflexão proposta para esse trabalho fundamenta-se, principalmente, nos conceitos de dialogismo, leitura e letramento, voz e lúdico – os quais serão apresentados à luz dos autores que os discutem, como Mikhail Bakhtin (2005), Paulo Freire (1986) e Magda Soares (2004), Paul Zumthor (2007) e Johan Huizinga (2000).

Sobre o conceito de voz de Zumthor (2007), é válido destacar o fato de que remete à apropriação da leitura na perspectiva letrada, contudo, sem perder de vista o aspecto criativo e lúdico, elementos fundamentais para consolidar a aquisição da leitura. Cabe dizer que tal conceito dialoga com as perspectivas de Paulo Freire (1986), métodos os quais percorrerão a presente reflexão, visando corroborar com a perspectiva do ensino e aprendizagem na dimensão dialógica e autônoma. Já em relação ao conceito de dialogismo, trabalhado pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2005), mostra-se relevante para a interação entre os textos e também entre os sujeitos, visto que o diálogo é marcado pelos diferentes contextos nos quais a presença do outro é de extrema importância. Quanto à leitura, a perspectiva do letramento em Magda Soares (2004) e Paulo Freire (1986) vem ao encontro do conceito de dialogismo bakhtiniano, tendo em vista a dimensão social da leitura de mundo e da palavra.

Soma-se aos conceitos elencados o elemento lúdico, próprio do discurso poético – o que ressalta a relevância do diálogo com o linguista e historiador, Johan Huizinga. Para Huizinga (2000), o lúdico manifesta-se através do jogo, sendo de extrema relevância para a sociedade – visto que esta vive um constante processo de criação, ação e transformação, contribuindo efetivamente para o desenvolvimento do indivíduo. Quanto à *poiesis*, para o historiador, trata-se da criação ou do ato criador e lúdico presente no jogo de palavras.

É nessa perspectiva que se assenta o poema, na medida em que se trata de um jogo de palavras articuladas de forma lúdica e criativa, com diferentes possibilidades de leitura e de futura produção escrita. Uma de suas prerrogativas, assim, é contribuir para o ensino e aprendizagem de modo lúdico, para que possa simplificar e tornar prazeroso a apreensão da leitura e da escrita. Sobre o poema, compreendido como jogo, articula-se também, além do elemento lúdico, o corpo e a voz, tanto do poeta quanto do interlocutor/ telespectador.

A relevância destes conceitos fundamenta um aprofundamento desta reflexão, cuja metodologia se configurou na perspectiva qualitativa – a qual se caracteriza pela compreensão dos sentidos que os sujeitos dão às suas práticas a partir da compreensão dos fenômenos presentes em seu contexto social, histórico e cultural; em particular na perspectiva da linguagem poética, visto ser esta da ordem do lúdico, fundamental para a construção de conhecimento por parte da criança. Considerou-se, ainda, a relação dinâmica entre o mundo, o pesquisador e o objeto investigado – com o qual ele estabelece relação dialógica; relação essa que, sem a qual, não se pode compreender os fenômenos que norteiam sua dimensão como sujeito da ação.

Quanto ao procedimento metodológico, criou-se um poema e um videopoema com o intuito de se estabelecer uma prática pedagógica que envolvesse teoria e prática, de forma criativa, para a faixa etária entre 4 anos a 5 anos e 11 meses (EI), e 6 anos completos, (1º ano do Ensino Fundamental anos Iniciais). O tema central, dessa maneira, tenciona o respeito às diferenças, contendo elementos extraídos do cotidiano (borboletas, becos, ruas), ludicamente entrelaçados, para que a criança compreenda o significado do respeito.

Tanto o poema quanto o videopoema foram analisados à luz dos conceitos elencados anteriormente, visando corroborar sua dimensão estratégica para a aquisição e consolidação da leitura e da futura escrita na perspectiva do letramento. Aponta-se a relevância das criações, sobretudo em relação ao tema da diferença – norteador de ambas as criações, o qual foi trabalhado ao longo do projeto desenvolvido junto ao PIBIC/UFLA.

Para mapear o construto teórico, essa pesquisa se organiza em três capítulos, nos quais alguns conceitos são retomados ao longo da escrita; sobretudo na análise do poema e do videopoema, tendo em vista que ambas as produções decorrem do construto teórico, tanto quanto sua análise. O primeiro capítulo, intitulado como “O que lemos o que nos toca”, privilegia o conceito de leitura, a partir das considerações de Paulo Freire (1986), em diálogo com os conceitos de letramento e dialogismo, entre os demais privilegiados para esta reflexão. Já o segundo capítulo, “Linguagem poética e voz: percepção e leitura de mundo”, abarca a relação entre a linguagem poética e a leitura na perspectiva da percepção de voz, corpo e sociedade como prerrogativas para a construção de conhecimento, consideradas na aquisição e consolidação de leitura e futura escrita. Para tanto, o conceito de voz, trabalhado por Zumthor (2007), foi considerado, visando o aprofundamento do diálogo proposto. Finalmente, o terceiro capítulo, “Do poema ao videopoema: leituras possíveis, escritas futuras”, empreende a análise de ambas as criações a partir das considerações fundamentadas pelo referencial teórico, visando sua dimensão como estratégia de ensino e aprendizagem no que toca a aquisição e consolidação da leitura e futura escrita, além de fomentar discussões sobre a questão racial – motivo pelo qual será trazida ao diálogo a professora e pesquisadora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (1996), cujos trabalhos propõem reflexões acerca da identidade afro-brasileira. No tocante às considerações finais, retoma-se o problema de pesquisa tecendo algumas reflexões e considerando alguns argumentos que não incidem em respostas, mas em provocações para outras reflexões.

2 O QUE LEMOS, O QUE NOS TOCA

*Suponho que me entender não é uma questão de
inteligência e sim de sentir, de entrar em
contato...
Ou toca, ou não toca.”
(Clarice Lispector)*

Apresentar ao indivíduo diversas formas de leituras, sejam elas acessíveis ou profundas é contribuir para o processo de leitura e escrita de modo a romper paradigmas e estereótipos sobre o ato de ler, valorizando ou ressignificando os diferentes tipos de leitura, visto que a sociedade lida com diversas formas de expressão.

Certamente há formas muito agradáveis e lúdicas de fazer leituras. Dito isso, ressalta-se, então, a importância da linguagem poética – presente em contos, contos de fada e contação de histórias, entre outras – uma vez que esse tipo de linguagem “brinca” com as palavras, traz a musicalidade através das rimas, aguçando a sensibilidade pessoal e construindo lembranças – assim como na infância, momento em que a criança se encontra em contato com diversas percepções, seja com o canto do pássaro, seja com outros estímulos visuais ou verbais com os quais ela dialoga e constrói sua leitura de mundo. Assim, a partir dessas considerações, o intuito aplicado neste capítulo se dá acerca de discorrer sobre o ato de ler, proposto por Paulo Freire (2006), em diálogo com o conceito de letramento de Magda Soares (2004) – visto serem ambos pontos nodais para a compreensão do quanto e como somos afetados pela leitura.

O ato de ler, segundo Paulo Freire (2006), é o processo de leitura que visa a interpretação e a reescrita, levando o sujeito à percepção crítica. Diante de tal afirmação, nota-se a valorização que o educador atribuía à leitura de mundo, a qual começa bem antes da leitura no âmbito escolar; ou seja, a criança está em contato direto com as letras, os sons e as imagens na sua experiência de mundo – e muito antes de saber o significado linguístico da palavra, ela já atribui significados às coisas e palavras nos contextos em que se comunica; por exemplo, ao pedir leite a alguém, a criança consegue se comunicar, mesmo sem o domínio linguístico.

Esse é o sentido social da escrita, o qual remete ao fato de que “não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. ” (FREIRE *apud*

GADOTTI, 1996, p.124). Reafirma-se o fato de que saber ler vai além de decorar ou decodificar as letras e palavras, estendendo-se, desse modo, a diversos ambientes – bem como o âmbito escolar, motivo pelo qual é necessário que haja estímulo para que este processo ocorra de maneira agradável e produtiva, visando o ensino e aprendizagem, além da boa relação entre aluno, professor e a comunidade escolar como um todo, assim como para além desta. Deve-se atentar, então, para a leitura de mundo, visto que a escola é um local de diversidade e cada aluno tem a sua experiência, características e diferentes situações socioeconômicas, entre outras particularidades que irão contribuir para a formação plena desse sujeito, pois

Ensinar a ler e a escrever jamais pode reduzir-se, para mim, à tarefa raquítica, inexpressiva, insípida de, silenciando em face da briga mesma que justifica nossa presença no mundo contribuir para mais adaptação. Ensinar a ler e escrever não é um passatempo para nós nem tampouco um favor, ou uma caridade que praticamos. É uma espécie de engajamento. (FREIRE, 1995, p.118).

A construção da leitura tem a ver com o respeito à diversidade e com o prazer que pode ser estimulado constantemente para que o ato de ler não se reduza à tarefa insípida, como apontou o educador. É preciso ver a leitura e a escrita na perspectiva social da formação do sujeito, levando em conta o fato de que ambas andam juntas. É nesse sentido que a leitura em Freire (1995) dialoga com a visão de Magda Soares (1995) – uma vez que, de acordo com a autora,

Ler, da perspectiva de sua dimensão individual, é um conjunto de habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos, estendendo-se desde a habilidade de decodificar palavras escritas até à capacidade de compreender textos escritos. Não são categorias polares, mas complementares: ler é um processo de relacionamento entre símbolos escritos e unidades sonoras, e é também um processo de construção da interpretação de textos escritos. (SOARES, 1995, p.8).

Para Soares (1995), a importância da construção de ideias e a interpretação no contexto social tem a ver com o letramento, em que tanto a leitura e quanto a escrita dialogam em diferentes contextos e independentemente da situação socioeconômica – visto que,

Letrar é mais do que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno, nesse processo não basta apenas juntar letras para formar palavras e reunir palavras para compor frases, deve-se compreender o que se lê assimilar diferentes tipos de textos e estabelecer relações entre eles (SOARES, 1998, p.21).

O ato de ler é repleto de significados e a leitura feita pela criança de maneira lúdica, leva à produção sentidos uma vez que, em seu cotidiano, ela por si só constrói jogos e regras – a exemplo das brincadeiras em que cada uma decide quem quer ser – trazendo à tona a possibilidade de escolha a partir da própria leitura de mundo, seguida pela leitura da palavra – sendo ambas de ordem criativa, pois,

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. (FREIRE, 1997, p.29-30).

Diante disso, podemos refletir em relação ao que lemos e ao que nos toca, já que o ato de “tocar” tem a ver com o quanto nos sensibilizamos com o que lemos, ouvimos e vemos. Na perspectiva do lúdico, sobretudo na infância, a criança brinca e constrói signos através de suas experiências, as quais reiteram o quanto é fundamental o respeito a esse conhecimento prévio infantil – como aponta Freire (2006):

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria se distorcer pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. (FREIRE, 2006, p.15).

Neste sentido, as palavras do educador corroboram a visão de que a aquisição da leitura vai além da prática de decodificar e juntar os símbolos, percorrendo diversos fatores – dentre eles o contexto social no qual a criança está inserida e as diversas situações em que a relação entre mensagem e receptor aponta para uma intencionalidade discursiva. Percebemos, assim, o quanto a criança se torna capaz de contextualizar as palavras à sua realidade imediata, construindo, aos poucos, suas idiossincrasias e saberes. Saberes estes que dialogam com as ações e as práticas sociais, configurando a competência do leitor do mundo e da palavra, seja ela escrita, seja ela falada. Reitera-se, desse modo, a dialogicidade – compreendida por Bakhtin (2009) como campo de interação social, visto que,

Toda unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico e fisiológico que definimos possa ser vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem (BAKHTIN, 2009, p. 73).

Nessa perspectiva, o conceito de dialogismo se faz presente em vários momentos, tendo elementos de recepção e percepção que se dão por parte dos interlocutores – os quais participam do processo de interação através da experiência acumulada e de sua interação com os signos de um texto, verbal ou não. Esse processo leva a um ponto extremamente relevante – o papel ativo do leitor, cujas leituras anteriores ao processo formal de alfabetização se dão na interface entre os signos. Esta é a natureza social da linguagem na qual o ato humano está imerso, pois “o ato humano é um texto potencial e não pode ser compreendido (na qualidade de ato humano) fora do contexto dialógico de seu tempo.” (BAKHTIN, 2000, p.334).

Tempo este que vai se modificando conforme as leituras de mundo e de palavra, posto que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. (FREIRE, 1989, p. 9). Por isso, é importante desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem que respeitem e se aproximem da experiência de mundo individual, colaborando para que a leitura e a escrita façam sentido na vida do leitor e futuro escritor. É importante que a escola possa se inteirar do meio social e cultural em que vivem os alunos, pois só desse modo será possível pensar a produção de sentidos – tendo a leitura papel preponderante nesse processo, sobretudo quando pautada pelo lúdico e pelo poético.

Em se tratando de uma produção de sentido em sua inteireza, corrobora-se a necessidade de ultrapassar o cotidiano escolar, contextualizando de maneira lúdica a diversidade que norteia a construção de conhecimento. Tal diversidade pode ser expressa pela linguagem poética, que leva a compreender diversos e complexos temas por meio da palavra e do lúdico. Em relação à reflexão sobre as diferenças, a escolha dos elementos a serem poeticamente apresentados é fundamental para o desenvolvimento da leitura, e futuramente da escrita, pois através de um poema ou de um vídeopoema, pode-se trabalhar, com o apoio da musicalidade das rimas e do ritmo poético, temas que discutam a diversidade, seja ela econômica, social, entre outras.

A linguagem poética lida com a dimensão mais sensível do humano – sendo possível citar sentimentos como alegria, prazer, choro, desânimo, além de algumas doenças que envolvem a dimensão psicológica. Vários são os temas transformados em poema que podem ser discutidos com a criança a fim de estabelecer a mínima compreensão sobre os

sentimentos, além dos processos sobre o “ser” e o “estar” no mundo. É preciso levar em conta o cotidiano da criança, como por exemplo, sua relação com livros de leitura e textos literários, o hábito de leitura em família, etc.. Por esse motivo, a parceria entre a escola e a família é fundamental para que a construção da leitura e da escrita aconteça de uma maneira lúdica e acessível ao aluno. Seja através de reuniões familiares ou com amigos, projetos, entre outras opções.

Essa ludicidade pode ocorrer nas atividades de leitura e escrita, abrindo a possibilidade de ir além de uma simples decodificação, além de desvendar novas oportunidades de ensino e aprendizagem que assegurem a perspectiva integralizadora – a qual deve nortear a educação formal, já que passa também pela educação dos sentidos. Nessa situação, respeitando o tempo de cada criança, o ato de ler acaba por propiciar prazer no aprendizado. Através da linguagem poética, vários temas podem ser discutidos e trabalhados, a exemplo dos poemas ilustrativos, dos jogos e da declamação de poema oral – que trabalham também a postura e a voz, sem perder de vista o prazer da atividade. Essa declamação ou leitura em voz alta é uma das características relevantes da leitura, tanto na perspectiva sonora quanto na social – perspectiva a qual será melhor apresentada e discutida no próximo capítulo.

3 LINGUAGEM POÉTICA E VOZ: PERCEPÇÃO E LEITURA DE MUNDO

*Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde,
desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto
mais a hora for chegando, mais eu me sentirei
feliz.”*

(Antoine de Saint-Exupéry)

Conforme o apontado no capítulo anterior, nota-se que através da leitura lúdica é possível despertar outras percepções sobre os diversos assuntos que perpassam a leitura de mundo e a construção de conhecimento. Assim sendo, neste capítulo será discutida a correlação entre a linguagem poética e a leitura na perspectiva da percepção de voz, do corpo e da sociedade como prerrogativas para a construção de conhecimento, consideradas na aquisição e consolidação de leitura e futura escrita.

Diante das muitas leituras de mundo que estão presentes no corpo, seja na leitura, na escrita ou mesmo na voz, observamos o quanto este corpo estabelece contato direto com a sociedade, a qual dialoga com diferentes perspectivas e visões de mundo – e é nesse sentido que o conhecimento se distingue em diferentes momentos e lugares. Construir o conhecimento é lidar com uma variedade de alternativas e possibilidades de aprendizado; e em se tratando do ambiente escolar, possibilita a aprendizagem mediante a interação entre os sujeitos, e entre estes e a sociedade – na qual está incluída, certamente, a escola.

A relação de ensino e aprendizagem leva a uma reflexão sobre si e sobre o outro, que participará do processo – e uma das formas de potencializar tal relação é a linguagem poética, visto que a leitura, independentemente do contexto, remete ao processo cognitivo no qual se inserem o intelecto e o corpo, através das expressões e dos movimentos dos leitores, sejam alunos, sejam professores.

Sobre o corpo, é notável que ele é responsável por expressar diversas reações, provocando sensações e sentimentos que variam de acordo com a poesia com que se coloca em contato. Falar de poesia é falar de corpo; e falar de corpo é falar de voz. Do ponto de vista discursivo, a voz aponta, além do aspecto físico, para o elemento social, sendo o objeto central em torno do qual este se configura. Para o pesquisador da voz e das poéticas do Medievo, Paul Zumthor, a voz é presença em si – tendo em vista que

[...] dentro da existência de uma sociedade humana, a voz é verdadeiramente um objeto central, um poder, representa um conjunto de valores que não são

comparáveis a nenhum outro, valores fundadores de uma cultura, criadores de inumeráveis formas de arte (ZUMTHOR, 2005, p.61).

Isto é, a voz está para além da simples sonorização, ela é um dado poético que não se prende à articulação somente no sentido linguístico atribuído à palavra. Seja como ruído, seja como apupo ou grunhido, ela revela o mais atávico no homem – a saber, sua relação intrínseca com costumes de seus antepassados e que não pode ser preterida. A voz está em interação com a linguagem poética, seja no ensino, seja na aprendizagem, e ocorre de maneira lúdica e prazerosa – visto que, dependendo da maneira como é apresentado um poema, o receptor se encanta por diversos detalhes, pelo tom da voz e pela expressão do corpo, entre outros elementos que ultrapassam o simples ato de oralizar.

Nesse contexto, a voz torna-se arte poética, sendo extremamente importante no processo de construção de conhecimento, além de uma significativa estratégia para práticas educativas mais efetivas e lúdicas. Ludicidade esta valorizada pela voz na linguagem poética devido a uma pluralidade de possibilidades de se expressar um poema, influenciando, assim, nas percepções de mundo do leitor e do interlocutor, e estendendo-se, como afirma Zumthor (1997), “ao que a existência coletiva comporta de mais repetitivo a nível profundo; daí uma redundância articular e uma variedade mínima nos temas.” (ZUMTHOR, 1997, p. 48).

Ressalta-se, assim, a criatividade e o potencial artístico da arte poética – uma vez que dá abertura para diversos temas tratados pela leitura e escrita, revelando caminhos para além de decodificação, e considerando a leitura de mundo e as experiências do cotidiano – tendo diversos pontos importantes, como seu caráter de letramento. Isto posto que aqueles que são diretamente envolvidos – nesse caso, professores e alunos – são despertados em sua sensibilidade devido ao fato de ambos trazerem sua experiência anterior, ou seja, sua leitura de mundo; sendo nossas considerações apoiadas nos fundamentos discutidos por Paulo Freire (2006).

Para além disso, ao tomarem contato com outras perspectivas de arte, a exemplo de um videopoema, dentre outras manifestações artísticas e suportes, os sujeitos ampliam sua visão de mundo, tanto individual quanto social. Daí evidencia-se a relevância da voz para uma comunicação presente entre corpo, voz e escrita – assim como Zumthor (1997).

Esse processo percorre a leitura de mundo, que deve ser vista como a aproximação da linguagem poética na perspectiva da voz, visto que a leitura e a escrita se desenvolvem na interação entre aluno e professor, cujas vozes sociais e sonoras ampliam o que compreendemos por leitura, expandindo-se nas perspectivas social, histórica e cultural por

meio de sons, imagens, palavras e silêncios – este último também considerado como uma voz no discurso. Quando se trata do âmbito escolar, a ligação entre esses elementos pode ser representada no expressar dos sentimentos e movimentos; como exemplo, a inquietação na sala de aula de vários alunos, muitas vezes vista como rebeldia. É preciso investigar o porquê de este aluno se movimentar de maneira tão desassossegada.

É interessante voltar à infância e lembrar das palavras ouvidas que fizeram com que o corpo se tornasse “comportado” – mediante frases como “sente um pouco”, “guarde essa voz”, “silêncio” – dentre outras palavras que inibem a adoção de posturas mais espontâneas, comprometendo, por vezes, a forma como este aluno lê. Por esse motivo se dá a preocupação de pensar a voz na perspectiva da linguagem poética no âmbito escolar, buscando compreender o motivo da inquietação destes alunos; o que implica em desenvolver estratégias que contribuam para a formação do leitor – o qual, futuramente, migrará também para a aquisição da escrita. Daí a relevância de se trabalhar o lúdico e a criatividade.

Do ponto de vista da linguagem poética, as metodologias de leitura e escrita criativas e prazerosas, junto à manifestação artística na perspectiva da voz, contribuem para este processo acontecer. Podemos dizer, então, que se trata de uma performance, pois

A performance é a materialização (a “concretização”, dizem os alemães) de uma mensagem poética por meio da voz humana e daquilo que a acompanha, o gesto, ou mesmo a totalidade dos movimentos corporais... Ora, nosso velho corpus poético medieval só tem “forma” nesse sentido; sua forma é alguma coisa que está se fazendo pela mediação de um corpo humano; esse corpo, através da voz, do gesto, do cenário onde ele se coloca, está em vias de realizar as sugestões contidas no “texto”. (ZUMTHOR, 2005, p. 55-56).

Para o autor, o ato de ler e a voz são da ordem das performances, visto que “o corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos.” (ZUMTHOR, 2007, p. 23). Ao fazê-lo, dispomos de todo o corpo e, portanto, de todos os sentidos – e não apenas, de maneira isolada, do visual, do tátil e do auditivo. O processo cognitivo implica o intelecto e corpo na medida em que a leitura de um texto (verbal ou não) desperta sentidos e sentimentos. No que toca à voz, ela é presença; tal é sua força, que suscita sentimentos escondidos nas reminiscências da memória, e é nesse sentido que a performance – por incluir todo o corpo do qual a voz se esvai para nos expressar – se dá enquanto a realização poética.

Por meio da performance vivemos a experiência estética; ou seja, o prazer consolidado pela possibilidade de reflexão crítica, a qual leva em conta a leitura de mundo e a da palavra, do gesto e dos silêncios – sendo que é exatamente nessa dimensão que se constrói o

conhecimento. Construir o conhecimento é estar diante de situações que envolvem diferentes pessoas, perspectivas e espaços marcados também pela diversidade; e que pode ser representada nas linguagens poéticas através de poemas e de histórias que contribuam para uma sociedade pautada pelo respeito e reconhecimento das diferenças de opiniões e pelo respeito às diferentes escolhas.

Partindo do pressuposto de que a escola é o espaço da diversidade, é pertinente construir um caminho pautado na dinâmica da linguagem poética, sobretudo de performance, por meio da voz, além das atividades lúdicas que conquistem diferentes alunos, resultando em uma significativa apreensão da escrita e da leitura. Como dito anteriormente, é preciso desenvolver estratégias que sejam facilitadoras na passagem da EI para o F, para que este processo ocorra de forma prazerosa e natural. Em se tratando de mudanças, o desconhecido pode trazer medo e insegurança; por isso, é importante levar em conta que a Educação Infantil é demarcada pelo ato de brincar, o qual vai sendo substituído por tarefas ao longo do F.

Se na EI o brincar é frequente, ao longo do F a criança acaba sendo limitada em suas atividades corporais, gerando a inquietação apontada anteriormente. No F, o corpo passa mais tempo sentado, ao menos até a hora do intervalo, quando as atividades são mais lúdicas. No entanto, muitas vezes, o tempo do intervalo é pequeno para brincar e se alimentar, por isso é importante retomar a brincadeira em outros momentos, sempre em articulação com o corpo.

Diante de processos como a leitura e a escrita, tendo como base essas duas articulações e os movimentos que estão presentes, seja na leitura oral, seja na leitura silenciosa, em vários momentos nota-se que o corpo se movimenta e se complementa com a voz. Esse encadeamento corrobora o fato de quanto são necessárias estratégias que estimulem o desenvolvimento destes processos, seja através do poema ou de brincadeiras – o que importa é o auxílio na fase de mudanças da EI para o F, contribuindo para que a aquisição da leitura e da escrita aconteça tranquilamente

A poesia, então, lida com os sentimentos de frustrações, alegrias e perdas, entre outros sentimentos que estão presentes em vários âmbitos da vida; conforme aponta Huizinga (2000),

[...] enquanto nas formas mais complexas da vida social a religião, o direito, a guerra e a política vão gradualmente perdendo o contato com o jogo, que nas fases mais antigas se revestia da maior importância, a função do poeta continua situada na esfera lúdica em que nasceu. E, na realidade, a poiesis é uma função lúdica (HUIZINGA *apud* GOÉS, 2010, p. 133)

O autor nos leva a refletir sobre a importância de a sociedade estar em diálogo com o lúdico mediante a jogos, canções típicas e outras manifestações que contribuam para que a leitura e as percepções de mundo sejam formadas, construindo e compreendendo as diferentes identidades, escolhas, qualidades, defeitos, e, principalmente, colaborando para que a capacidade de se refletir criticamente sobre o que se lê, de modo a promover mudanças na sociedade – visto que através da linguagem podemos fazer a diferença no ensino e na aprendizagem.

Em se tratando da linguagem poética, há um amplo espaço de diálogo com outras semioses – como o som, a escrita e a imagem, além, é claro, do corpo – o que leva a diferentes leituras de mundo, em que o poema, a poesia e a performance tornam-se elementos importantes no âmbito escolar; e não somente nele, mas na sociedade como um todo. A criação de uma poética que considere várias semioses é de fundamental relevância; e é nesse sentido em que se coloca o videopoema como estratégia de ensino e aprendizagem, tendo em vista sua articulação com outras linguagens, visando despertar o interesse das crianças que migram da EI para o F. Levando em conta tal estratégia, a criação de um videopoema aponta para o quanto o elemento lúdico nele contido auxilia na aquisição da leitura e da escrita, ao mesmo tempo em que desperta a curiosidade sobre temas diversos – ponto esse que será melhor abordado no próximo capítulo.

Diante disso, reitera-se o quanto a linguagem poética integra o âmbito escolar, uma vez que, diante de tantas mudanças que se tem ao longo do cotidiano, ela contribui para construção de conhecimento de si, do outro e do mundo.

Toda poesia atravessa e integra, mais ou menos imperfeitamente, a cadeia epistemológica sensação-percepção-conhecimento-domínio do mundo: a sensorialidade se conquista no sensível para permitir, em última instância, a busca do objeto. Ora, todo conhecimento está a serviço do vivo, a quem ele permite preservar no seu ser. Por isso, a cadeia epistemológica continua a fazer do vivente um sujeito; ela coloca o sujeito no mundo. (ZUMTHOR, 2007, p. 81).

Por meio da criatividade e do lúdico, as percepções vão se constituindo e se modificando; e em se tratando da escola, é preciso levar em conta a tecnologia, a qual pode tornar as atividades mais lúdicas. Cabe dizer que a tecnologia não prescinde do corpo, pelo contrário, ela exige mais do corpo e da voz, ampliando a cognição à medida em que exige, de algum modo, um leitor mais ativo. Dentre as muitas atividades potencializadas pela tecnologia, cabe apresentar as que lidam com a leitura e a escrita, a exemplo do videopoema

autoral, o qual será apresentado e analisado a partir do referencial teórico trabalhado, visando a compreensão do quanto diferentes semioses e perspectivas podem tornar a leitura e a escrita mais lúdicas e prazerosas.

4 DO POEMA AO VIDEOPOEMA: LEITURAS POSSÍVEIS, ESCRITAS FUTURAS

“A minha leitura de mundo não é melhor e nem pior que a sua, a minha leitura de mundo é minha, e posso dividi-la com você.”

(Maraisa dos Santos)

No decorrer dos capítulos anteriores, foram apresentados alguns aspectos relacionados aos processos de leitura e escrita, sobretudo na perspectiva da linguagem poética. Neste capítulo, serão analisados o poema e o videopoema “Diferenças” a partir do referencial teórico, visando sua aplicabilidade como estratégia de ensino e aprendizagem no que toca a aquisição e consolidação da leitura, e futura escrita. Para isso, cabe retomar a relevância das criações como estratégias de ensino e aprendizagem, tencionando uma prática pedagógica assentada na relação entre teoria e prática, de forma criativa e reflexiva, para discutir o respeito às diferenças – tema norteador do projeto que culminou na presente reflexão.

Obviamente, a temática do respeito extrapola o recorte proposto nesse trabalho; porém, o intuito de privilegiar as diferenças enseja discussões importantes em sala de aula, considerando que serão possibilitados a esses sujeitos, ainda crianças, novos olhares sobre si, o outro e o mundo. E como estratégia didática de ensino, as metodologias de elaboração e reflexão acerca desse texto que congrega som, escrita e imagem, levam à compreensão sobre a construção sempre processual de conhecimento e, portanto, ao letramento.

Nessa perspectiva, reitera-se a não neutralidade da língua – como afirma Bakhtin (1992), “os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar.” (BAKHTIN, 1992, p. 108). Por esse sentido, a comunicação deriva da atribuição de significação aos enunciados. Para o autor, o seguimento de assimilação da língua materna é um processo de integração que ocorre de forma paulatina, mas transformadora, por meio da comunicação verbal e não verbal.

Partindo de tais considerações, o poema e o videopoema serão analisados com base nos pressupostos teóricos, visando sua aplicabilidade como estratégia de ensino e aprendizagem no tocante à aquisição e consolidação da leitura e futura escrita. Especialmente, analisaremos o quanto ambas as metodologias são potenciais na discussão do tema proposto, o qual se baseia também na perspectiva da identidade afro-brasileira, à luz dos estudos da professora e pesquisadora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (1996), cujos trabalhos

propõem reflexões acerca de tal identidade em diálogo com os conceitos como dialogismo, leitura, letramento, voz e lúdico, já apresentados.

4.1 Sobre o poema

Diferenças

Borboletas brancas, azuis e amarelas
Pessoas brancas, negras e pardas
Diferenças, apenas diferenças

Ruas, becos e vielas
Pessoas estranhas, feias e bonitas
Diferenças, apenas diferenças

Mudo, cego, surdo
Eu não te ouço
Eu não te vejo
Eu não te escuto
Diferenças, apenas diferenças
(Da autora, 2016).

No poema, é possível perceber a escolha de palavras considerando a leitura e a escrita que valorize a experiência de mundo de cada aluno, abordando temas comuns à criança, ao adolescente ou mesmo ao adulto – como exemplo, borboletas e outros elementos com os quais eles têm contato.

Borboletas brancas, azuis e amarelas
Pessoas brancas, negras e pardas
Diferenças, apenas diferenças

Assim, na primeira estrofe, citada acima, as cores que caracterizam a borboleta apresentam-se como uma metáfora para as diferenças raciais. Constituindo-se como “apenas diferenças”, o advérbio “apenas” marca uma postura quanto a irrelevância da cor, seja da borboleta, seja das pessoas. É a esse contexto o qual remete o fim da estrofe “diferenças, apenas diferenças”.

Ruas, becos e vielas
Pessoas estranhas, feias e bonitas
Diferenças, apenas diferenças

No que diz respeito à segunda estrofe, em evidência logo acima, novamente o intuito da autora se dá no uso da metáfora para evidenciar as diferenças, pois ruas, becos e vielas apontam para caminhos que podem ser traçados de acordo com o desejo e/ou necessidade, sem relação de hierarquia sobre eles. Sobre as pessoas, a escolha dos adjetivos ‘estranhas’,

“feias” e “bonitas” remete a duas leituras: a primeira se relaciona com o fato de serem apenas diferenças; a segunda, com a construção de padrões, os quais não podem ser tomados como regras, sob o risco de desencadear o preconceito e a segregação – o que torna ainda mais relevante a criação de estratégias que discutam de maneira tranquila tais questões.

Mudo, cego, surdo
Eu não te ouço
Eu não te vejo
Eu não te escuto
Diferenças, apenas diferenças

Finalmente, na terceira estrofe, o pronome pessoal “eu” evidencia diferentes ações que podem ser atribuídas a um sujeito – o qual traz consigo diversas interpretações e prerrogativas em relação às experiências vividas, principalmente no âmbito escolar, espaço privilegiado para o diálogo. Conforme aponta a última estrofe, o “eu” parece tratar apenas das diferenças que compõem o cotidiano. Nesse contexto, ser mudo, cego ou surdo não implicam a segregação, mas sim, e principalmente, o respeito com que se deve tratar a todos os “eus” e “outros” com os quais convivemos, independentemente da condição física, social, intelectual e cultural, entre outras.

Reconhecer-se no outro, em sua diferença, é olhar para si e, conseqüentemente, para o outro e para a cultura, revisitando criticamente o passado histórico que constituiu o país. Nessa perspectiva, reitera-se a importância trazer à tona elementos fundamentais na constituição de nossa cultura, visto que

[...] fazem parte de uma população culturalmente afro-brasileira e trabalhamos com ela; portanto, apoiar e valorizar a criança negra não constitui em mero gesto de bondade, mas preocupação com a nossa própria identidade de brasileiros que têm raiz africana. Se insistirmos em desconhecê-la, se não assumimos, nos mantemos alienados dentro de nossa própria cultura, tentando ser o que nossos antepassados poderão ter sido, mais nós já não somos. Temos que lutar contra os preconceitos que nos levam a desprezar as raízes negras e também as indígenas da cultura brasileira, pois, ao desprezar qualquer uma delas, desprezamos a nós mesmos. Triste é a situação de um povo, triste é a situação de pessoas que não admitem como são, e tentam ser, imitando o que não são. (GONÇALVES E SILVA, 1996, p.175).

Desenvolver a capacidade crítica e a percepção, valorizando e respeitando as diferenças a partir do lúdico, enriquece a relação de ensino e aprendizagem que se estabelece entre os sujeitos aluno e professor.

Retoma-se, então, o fato de que criança é envolvida por estímulos, e a arte literária – considerada como linguagem poética, seja mediada pelo vídeo, seja pelo livro ou em outros suportes, a exemplo do meio digital – a seduz, contribuindo para a apropriação e consolidação da leitura e da escrita de forma letrada, de modo a levar tal criança à compreensão de si mesma, do outro e do mundo. A essa forma de comunicação chamamos dialogismo; ou seja, a comunicação estabelecida em diferentes contextos e com as muitas alteridades, pois é a partir dessa relação dialógica que a criança constrói sentidos – os quais são estimulados principalmente pelo lúdico, elemento essencial para o trabalho pedagógico e que, através das diferentes semioses, estimula o desejo de aprender a ler para além da decodificação.

Se o poema se destaca por meio de metáforas, isto é, pelo emprego de palavras análogas, num sentido de se criar determinada imagem mental considerando o texto escrito – no videopoema, o registro escrito é expandido para a imagem e para o som, visto que, segundo Joly,

Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diferentes tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como um instrumento de expressão e de comunicação (JOLY, 2007, p. 61)

Instrumento de comunicação entre as pessoas, a imagem pode também servir de instrumento de intercessão entre o homem e o próprio mundo. (op. cit., p. 67)

Quanto a relação entre o homem e o mundo de que fala Joly (2007), o vídeo autoral aponta para a temática do preconceito racial e do respeito às diferenças, ambos ludicamente apresentados no intuito de ressignificar o olhar e o modo de compreender a si, ao outro e o mundo. Para além, consistem em práticas mais dinâmicas para tratar de tal questão; de outro modo, reitera-se o letramento enquanto dimensão social e de caráter dialógico.

Palavras e imagens são de ordem complementar, o que significa que o tema tratado no vídeo é passível de compreensão, mesmo que a criança não saiba ler, na medida em que, como já dito anteriormente, a interpretação decorre da leitura de mundo, visto que são frequentes as variedades de opções que a criança possui na sua relação direta com as letras e imagens. Estas (imagens e letras) carregam consigo significados positivos ou negativos, posto que, assim como expõem Joly (2007), “a função da mensagem visual é, com efeito, também ela determinante para a compreensão do seu conteúdo.” (JOLY, 2007, p. 61). Isso devido ao fato de que, desde muito cedo, a criança passa a ter contato com imagens e letras – como o contato visual com a mamadeira, que possui cores e letras; a escolha da cor da roupa que, em

alguns casos, ainda procuram definir a sexualidade do bebê – tendo em vista o uso de azul para menino e do rosa para a menina, o que marca uma determinação imposta pela sociedade e usada em diversos âmbitos.

No entanto, são conteúdos e definições que pedem maior reflexão, pois contêm muito mais que cores – são marcas que podem levar à segregação de cor, de credo e de raça, entre outras formas de preconceito que se instalam de forma subliminar. A criança não possui entendimento sobre o significado de tais imagens, cores e letras, muitas vezes findando em reproduzir o comportamento do adulto em função de exposições constantes. Um exemplo é a grande ocorrência do acesso do adulto a mídias como celular, televisão e revistas – nesse meio, esta criança também participa e experiência dessa vivência, seja de maneira direta ou indireta. É preciso considerar o fato de que a criança se propõe a imitar o adulto, por isso, tomando por base o potencial da palavra e da imagem, a mesma linguagem pode, ao invés de segregar, tornar-se um importante elemento para a reflexão.

Como ainda afirma a professora Martine Joly (2007),

Demonstrar que a imagem é realmente uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que a este título se distingue do mundo real e que propõe, por meio de signos particulares, uma representação escolhida e forçosamente orientada; distinguir os principais instrumentos desta linguagem e o que significa a sua presença ou ausência; relativizar a sua própria interpretação, embora sempre compreendendo os seus fundamentos – são algumas das muitas provas de liberdade intelectual que a análise pedagógica pode implicar. (JOLY, 2007, p. 53)

Neste sentido, essas implicações são de extrema importância no desenvolvimento, uma vez que passam pela leitura e escrita no processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental, visto que a linguagem é a porta de entrada para a identificação e possível resolução de futuros problemas que são recorrentes nessa fase.

Contextualmente, para além da formação leitora, da aquisição e consolidação da leitura e, de modo consequente, da escrita, o sincretismo da linguagem permite ler as entrelinhas, nas quais se avultam o diálogo polifônico proposto por Bakhtin (2013) – o qual salienta que a essência

[...] consiste justamente no fato de que as vozes, aqui, permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à homofonia. E se falarmos de vontade individual, então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento (BAKHTIN, 2013, p. 23).

Desse modo, como vontade artística, a criação de um objeto poético leva à produção de sentidos por meio do lúdico presente na interface entre palavra, som e imagem. Destaca-se a ocorrência desse processo no vídeopoema “Diferenças”, cujo diálogo reside na combinação de vontades dos sujeitos envolvidos na relação de ensino e aprendizagem. Do ponto de vista da interação, remete às várias vontades e vozes que, embora diferentes, são capazes de estabelecer diálogos em variadas estâncias.

4.2 Sobre o vídeopoema

De um lado o vídeo, do outro o professor – que pode utilizar da mídia como estratégia didática para a apreensão do conteúdo sobre a necessidade de erradicar o preconceito – no caso do presente vídeo, o preconceito racial.

Figura 1 – Representação da diversidade étnico-racial.



Fonte: Fragmento retirado do vídeo poema “Diferenças”, produzido pela autora (2018).

Além disso, no que tange à linguagem poética e à prática pedagógica, a criação do vídeo promove a ampliação das capacidades de comunicação e expressão em um contexto de produção em que é determinante o processo de interlocução, cuja referência é o sentido e a interação social – os quais envolvem um locutor e um interlocutor, que se comunicam através da palavra. Isso pois

[...] pode-se afirmar que na composição de quase todo enunciado do homem social desde a curta réplica do diálogo familiar até as grandes obras verbal-ideológicas (literárias, científicas e outras) existe, numa forma aberta ou velada, uma parte considerável de palavras significativas de outrem, transmitidas por um ou outro processo. No campo de quase todo enunciado ocorre uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem, um processo de delimitação ou de esclarecimento dialógico mútuo. (BAKHTIN, 1988, p. 153)

Levando em conta a linguagem poética no âmbito do enunciado escrito, Bakhtin (1988) aponta para o fato de que há sempre um conhecimento prévio - o qual leva o que é lido ou ouvido à compreensão de tal ou qual modos específicos, motivo pelo qual é fundamental

considerar a experiência trazida pela criança. Esse pressuposto dialoga com o mostrado no videopoema, em que observa-se a conjuntura de elementos extraídos do cotidiano e entrelaçados ludicamente para que a criança compreenda o significado do respeito. Nesse caso específico, na contextualização do videopoema, do respeito à diferença – corroborando o importante diálogo entre escola, família e sociedade, para que situações de preconceitos sejam banidas.

Como explica a pesquisadora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2010):

Em outras palavras, quando estamos face a face com outra pessoa, é inegável que seu fenótipo, cor da pele, penteado e forma de vestir-se desencadeiam, de nossa parte, julgamentos sobre quem é, o que faz e até o que pensa tal pessoa. Dessa forma, informados por estereótipos, se não estivermos atentos, podemos manifestar, por palavras e gestos, discriminação, desrespeito, desqualificação. Estes julgamentos decorrem de preconceitos. Pessoas negras têm sido vítimas deles. Não poucas vezes se ouve que pessoas “desta raça”, os negros, são feios, sujos, violentos ou preguiçosos. Cabe mencionar aqui que a palavra raça não se refere ao conceito biológico de raças humanas, amplamente rechaçado pelos conhecimentos científicos aceitos nos dias de hoje. (VERRANGIA; SILVA, 2010, p. 709-710).

Dessa maneira, retornando à questão do ambiente escolar, é fundamental o trabalho do educador na discussão de temas que valorizem as diferenças do corpo, da cor, das múltiplas formas de se pensar e de compreender presentes em cada aluno – os quais se tornarão sujeitos de reflexão. Como já dito, trabalhar com tal temática não exclui a dimensão prazerosa da atividade; um texto no qual os animais são protagonistas de suas ações, revela-se com grande potencial, já que suas vozes simbolizam também a voz no sentido social e cultural – daí a prosopopeia ser tão difundida nas histórias infantis. Assim, do ponto de vista discursivo, a prosopopeia figura como a voz em torno do qual se configura a construção social.

Por este motivo, dentre diversos outros, a importância da arte se destaca – e quando se trata de produzi-la e torná-la uma estratégia para práticas educativas mais significativas, depreende-se seu caráter de letramento. Isso posto devido a aqueles que são diretamente envolvidos – neste caso, professores e alunos – também serem despertados em sua sensibilidade pela razão de ambos trazerem sua experiência anterior, sua leitura de mundo, conforme aponta Paulo Freire (2006), ao contemplar as diferentes manifestações criadoras, a exemplo do vídeo aqui elencado.

De acordo com o que aponta o fragmento abaixo, nota-se a ponte entre os sujeitos que refletem sobre as diferenças – utilizando como metáforas (figuras de linguagem), as

borboletas, as quais simbolizam a diversidade de pessoas que se comunicam na sociedade. Desse modo, o poema é potencializado pela imagem e pelo som presentes no vídeo.

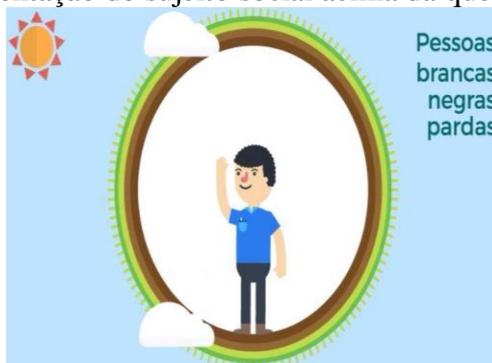
Borboletas brancas, azuis e amarelas
Pessoas brancas, negras e pardas
Diferenças, apenas diferenças.
(SANTOS, 2016).

Figura 2 – A representação da borboleta enquanto metáfora da diversidade.



Fonte: Fragmento retirado do vídeo-poema “Diferenças”, produzido pela autora (2018).

Figura 3 – Representação do sujeito social acima da questão de cor ou raça.



Fonte: Fragmento retirado do vídeo-poema “Diferenças”, produzido pela autora (2018).

Figura 4 – Representação do respeito aos diversos contextos.



Fonte: Fragmento retirado do vídeo-poema “Diferenças”, produzido pela autora (2018).

Em se tratando do processo de ensino/aprendizagem de leitura e escrita, bem como de sua consolidação, as palavras do poema representam mais do que um simples código

linguístico, uma vez que buscam levar à conscientização sobre a necessidade do respeito entre as crianças – visto serem apenas diferenças, as quais não podem levar à exclusão.

Mudo, cego, surdo
 Eu não te ouço,
 Eu não te vejo,
 Eu não te escuto
 Diferenças, apenas diferenças.
 (Da autora, 2016).

Figura 5 – Acima da condição física, há um sujeito a ser respeitado.



Fonte: Fragmento retirado do vídeo poema “Diferenças”, produzido pela autora (2018).

Figura 6 – O respeito como base da relação social.



Fonte: Fragmento retirado do vídeo poema “Diferenças”, produzido pela autora (2018).

Figura 7 – Simbolicamente traduzido, o símbolo da diferença direcionado ao argumento do respeito.



Fonte: Fragmento retirado do vídeo poema “Diferenças”, produzido pela autora (2018).

Não menos importante é o fato de que além da voz, o vídeo conta com imagens e palavras. Sobre estas, já fizemos algumas considerações – cabe agora discorrer um pouco sobre a performance da voz. Neste sentido, tocamos em outro importante ponto para a produção de sentidos – qual seja, o corpo.

Retomando as considerações sobre a voz do já aqui citado teórico, o ato de ler e a voz são da ordem das performances, visto que “o corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. ” (ZUMTHOR, 2007, p. 22-23). Ao assistir ao vídeo, entrelaçamos em nossa leitura de mundo a leitura da palavra e da imagem, e inferimos que os conteúdos veiculados pelas diferentes matrizes de linguagem – isto é, o texto escrito, o som e a imagem – são complementares. Além disso, se o corpo é o peso sentido da experiência, pode-se dizer que, ao assistir ao vídeo, sentidos e sentimentos são despertados. É nessa perspectiva que vivemos a experiência estética, ou seja, o prazer consolidado pela possibilidade de reflexão crítica. Levando em conta o diálogo entre os personagens do vídeo, é exatamente nessa dimensão em que se constrói o conhecimento e se atribui sentido às ações.

Tanto o poema quanto o videopoema levam a refletir sobre outras questões além das aqui apontadas – e o fazem a partir da linguagem concretizada em palavras, imagens e sons. Isso reitera o fato de que não se prescinde do código linguístico, haja vista a análise das palavras e figuras de linguagem presentes nos poemas. Porém, a leitura está para além da decodificação linguística e é nessa perspectiva que a linguagem, aqui utilizada como estratégia, se define também como letramento em todos os âmbitos nos quais os sujeitos possam e venham a interagir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar os diversos conceitos aqui trabalhados, visando a dimensão teórico-prática, voltar ao ponto de partida significa retomar as leituras aqui propostas – não como resultado final, mas como um caminho para outras reflexões possíveis e que se configuram junto às experiências. Experiências essas que tiveram como prerrogativa a reflexão crítica acerca de como a linguagem poética consolida a leitura quando pautada no lúdico; além da compreensão de que a migração da Educação Infantil para o Ensino Fundamental Anos Iniciais implica o olhar sobre as potencialidades e fragilidades desse momento. Foi a partir da dessa transição na vida dos alunos que surgiu o desejo de buscar por estratégias que pudessem contribuir para a consolidação da leitura e da futura escrita.

Desse modo, nos capítulos apresentados, evidenciaram-se alguns dos elementos sobre o conceito de leitura na perspectiva do letramento e do dialogismo, o que sedimentou a reflexão acerca do quanto a linguagem poética contribui para a aquisição e o interesse pela leitura na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ademais, a questão do respeito às diferenças, tema tão recorrente quanto necessário, ensejou a criação de um poema e de um videopoema. Em consonância com tal perspectiva, o caminho percorrido apontou para a voz social, isto é, a voz da percepção, a qual é potencializada pela linguagem poética – que por sua vez, cria possibilidades de novas leituras para além do texto escrito.

Do ponto de vista linguístico, a análise do poema e do videopoema apontou para a não neutralidade da palavra bem como das imagens, reiterando a relevância da dimensão social e do letramento. Isso se deve ao fato de que a cada contexto, o enunciado adquire diferentes significados – como o exemplificado no advérbio apenas, o qual pode significar irrelevância no sentido de ser algo menos importante em determinado contexto ou algo que expressa certo desprezo. No poema, tratou-se da irrelevância das diferenças, na medida em que o diálogo deve propor respeito e não a segregação; caso contrário, não será diálogo. Tanto no poema quanto no videopoema foram discutidos pontos importantes para que os alunos pudessem compreender – mediante a presença de imagens, letras e sons, os quais atraem a atenção – que as experiências podem e devem ser compartilhadas. Dentre estas experiências, destacou-se a questão do respeito às diferenças, visando fomentar discussões e reflexões em relação a aquisição e consolidação da leitura e futura escrita na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Desse modo, esta reflexão levou à compreensão de que ouvir as crianças também é parte fundamental desse processo, visto que os diálogos vão se construindo ao entrarem em contato com o videopoema, de modo a despertar os sentidos não apenas sobre o ler e escrever do ponto de vista do código linguístico – mas, principalmente, sobre o ser e estar no mundo como sujeito atuante, letrado e dialógico.

Nesse sentido, é importante ressaltar o valor da escola para a formação do indivíduo. Assim, como estratégias de ensino e aprendizagem, observou-se o quanto a linguagem poética potencializa leituras e futuras escritas a partir de atividades que podem incluir desenhos, cantos, contação de histórias – além de outras formas, tal qual o poema e o videopoema. Do ponto de vista da prática pedagógica, nota-se as possibilidades de criação de novas formas de lidar com a linguagem e com a língua, propondo diálogos mais interativos com os alunos. Trabalhar com videopoema nessas duas fases da vida escolar contribui para o desenvolvimento da criança, tendo em vista que as duas linguagens a colocam em contato com imagens, sons e percepções do seu cotidiano, estimulando-a no âmbito escolar a buscar por diálogos entre educador, aluno, escola, família e a comunidade na qual a criança convive a fim de estabelecer relações saudáveis.

Enfim, além de promoverem avanços na leitura – ponto que se deu como foco central do presente trabalho – há uma variedade de possibilidades e atividades que podem ser realizadas com o poema e o videopoema; a exemplo da escrita e reescrita de palavras e frases, até findar-se na construção do poema. São maneiras de diversificar o ensino e aprendizagem, utilizando-se da arte como estratégia didática e, ao mesmo tempo, formadora de sujeitos capazes de compreender os diversos contextos em que a palavra poética pode se definir e abrir espaços para refletir sobre temas relevantes para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução a partir do francês por Maria Emantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem** – 13ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária 2013.
- BARTHES, R. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48ª ed. São Paulo, Cortez, 2006.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ª ed. São Paulo, Cortez, 1989.
- _____. **Cartas a Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 4a. ed., 1984.
- _____. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. **Educação na Cidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. **Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 8.ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.
- GADOTTI, M. **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; Brasília: Unesco, 1996.
- GÓES, L.P. **Introdução à Literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.
Disponível em: [http://
https://books.google.com.br/books?id=R5RRDwAAQBAJ&pg=PT60&dq=.+E,+na+realidade,+a+poiesis+%C3%A9+uma+fun%C3%A7%C3%A3o+I%C3%BA dica&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjD54v8i53jAhWflrkGHcxaAP8Q6AEIKDAA#v=onepage&q=.%20E%2C%20na%20realidade%2C%20a%20poiesis%20%3A9%20uma%20fun%C3%A7%C3%A3o%20I%C3%BA dica&f=false](http://books.google.com.br/books?id=R5RRDwAAQBAJ&pg=PT60&dq=.+E,+na+realidade,+a+poiesis+%C3%A9+uma+fun%C3%A7%C3%A3o+I%C3%BA dica&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjD54v8i53jAhWflrkGHcxaAP8Q6AEIKDAA#v=onepage&q=.%20E%2C%20na%20realidade%2C%20a%20poiesis%20%3A9%20uma%20fun%C3%A7%C3%A3o%20I%C3%BA dica&f=false).
- GONÇALVES E SILVA, P.B. Prática do racismo e formação de professores. In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- KLEIN, L.R. **Fundamentos teóricos da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009
- HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 4ª. ed. Perspectiva: São Paulo, 2000. 162 p.
- JOLY, M. Introdução. **Introdução à análise da imagem**. 2007. Tradução: José Eduardo Rodil Revisão da tradução: Ruy Oliveira: Lisboa, EDIÇÕES 70, LDA.

MONTEIRO, S.A.I. et al (Org.). **Educações na contemporaneidade**: reflexão e pesquisa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. 322 p.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001** (org.) Vera Massagão Ribeiro – 2ª Ed. – São Paulo, Global, 2004.

_____. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Língua escrita, sociedade e cultura-Relações, dimensões e perspectivas. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. **XVII Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, outubro de 1995.

VERRANGIA, D; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de ciências. **Educação e Pesquisa**, [s.l.], v. 36, n. 3, p.705-718, dez. 2010.

ZUMTHOR, P. **Escritura e Nomadismo**: Entrevistas e Ensaio. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

_____. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, et.al. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.